

EDUCAÇÃO

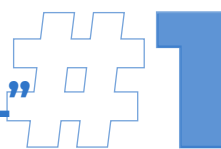
# INTRODUÇÃO À VIDA INTELECTUAL #1

COM PROF. BRUNO MAGALHÃES



CURSO

# “INTRODUÇÃO À VIDA INTELECTUAL”



COM PROFESSOR BRUNO MAGALHÃES

## SINOPSE

Identificando os objetivos tradicionais da educação, tratarei brevemente da sua atual crise. Com isso, introduzirei a noção devida de estudos independentes ou vida intelectual, como forma de complementar ou reiniciar, por iniciativa própria, a educação que as instituições de ensino falharam em ministrar. Abordarei algumas dificuldades iniciais relacionadas à falta de um programa institucional, à sensação de desorientação, à pressão para ingressar numa instituição de ensino e à dificuldade de aferir o rendimento. Trabalharei a imagem do naufrago (*A Rebelião das Massas*, de José Ortega y Gasset) e a de fissuras (*Introdução à Filosofia*, de Julián Marías), para ilustrar o usual estado do estudante que deseja começar a estudar de maneira independente

**BONS ESTUDOS!**



BRASIL  
PARALELO

Este é um e-book de Introdução à Vida Intelectual. Eu sou o Bruno Magalhães e nos últimos anos tenho estudado os princípios, fundamentos e objetivos do que se chama vida intelectual, sobretudo pela publicação do Padre Antonin Sertillanges<sup>1</sup>, *A Vida Intelectual*<sup>2</sup>, e para esses estudos eu tenho seguido a sugestão dada pelo professor Olavo de Carvalho de explorar um campo chamado de zetologia, que consiste no conjunto de princípios em torno da ciência ou arte da busca pelo conhecimento, mas ela ainda está em andamento e é preciso defini-la.

Partiremos de dois pressupostos. O primeiro é que todos possuímos experiência com o ensino formal e passamos muitos anos em colégios e faculdades, isso nos mostra que estudar sob a tutela de um professor que traça um plano de estudos para o semestre, indica uma bibliografia a ser lida e no fim afere o nosso rendimento através de uma avaliação é muito diferente de estudar sozinho, traçar um plano de estudos próprio e definir a melhor ordem de leitura. São atividades muito diferentes, por isso eu acredito que elas seguem princípios, métodos e fundamentos diferentes. O segundo é que nos últimos anos foram publicados muitos livros sobre o assunto, mas a verdade é que muitas pessoas ainda estão perdidas e não conseguem aplicar os princípios desses livros na própria vida. Certa vez perguntaram a um romancista: “Por que os escritores sempre escrevem sobre os mesmos assuntos — traição, guerra, amizade e inimizade?” E a sua resposta foi bem interessante: “Realmente eles já escreveram sobre esses assuntos, mas continuam a escrever porque as pessoas esquecem e sempre é necessário revisitá-los.” Então este material será útil a certo tipo de pessoa.

Para delimitar o público-alvo deste material eu vou usar o símbolo do banquete, que desde Platão alude ao encontro para discussões intelectuais.

Eis o lugar especial que temos como destino. Porém, há pessoas que ficam

1 Antonin-Gilbert Sertillanges (Clermont-Ferrand, 16 de novembro de 1863 – Sallanches, 26 de julho de 1948). Filósofo e teólogo francês.

2 *A Vida Intelectual* — seu espírito, suas condições e seus métodos. Editora Kirion, 2019.

muito tempo na antessala, pensando se vale a pena entrar neste ambiente de estudo ou se é apenas uma fantasia. Os dois ambientes simbolizam lugares nos quais eventualmente nos localizamos. Então o público-alvo deste material são as pessoas que não entraram sequer na antessala da festa, que já assistiram a documentários, ouviram o amigo falar de certo assunto e gostaram, anseiam saber determinadas coisas e compraram alguns livros, mas ainda não sabem do que se trata uma vida de estudos. Que história é essa de estudar? Se eu não vou receber um diploma no fim de tudo isso, para que dedicar a minha vida ao estudo em vez de fazer outra coisa? Talvez este material indique a você do que se trata uma vida de estudos. A partir da segunda aula, eu vou passar muitos exercícios e você poderá avaliar se vale a pena entrar neste banquete. O segundo grupo que pode se beneficiar do material são as pessoas que já entraram na antessala e sabem do que se trata uma vida de estudos, mas ainda não têm o combustível necessário para investir nela. Ou seja, elas querem entrar para o banquete, mas não sabem que roupas devem vestir. E o terceiro são as que já começaram a estudar, mas por algum motivo empacaram e não sabem para onde ir. Esta aula será teórica, enquanto que as próximas serão mais práticas e dinâmicas, nas quais eu vou dar algumas sugestões.

Vamos passar pela ideia de educação e os seus objetivos, então no fim eu darei a minha concepção e uma definição provisória do que é a vida intelectual. Na segunda aula, falaremos sobre os seus propósitos e a sua motivação. Na terceira, eu vou dar algumas sugestões para quem está começando, ao traçar o mapa do território ou o campo de trabalho, nos termos do Padre Antonin Sertillanges. E na última aula eu vou dar sugestões para o aproveitamento das leituras e outras fontes de estudo, pois a vida de estudos não é feita apenas de leitura, mas também de discussões, aulas e palestras.

## 1. A INCLINAÇÃO AO CONHECIMENTO

De início, há o desejo pelo conhecimento. Todos podemos testemunhá-lo, embora não tenhamos o costume de meditar a seu respeito. Aristóteles começa a *Metafísica* por uma frase que talvez seja a mais famosa da sua obra, dizendo: “*Todos os homens, por natureza, tendem ao saber*”<sup>3</sup>. Todos somos naturalmente inclinados ao conhecimento, mesmo sem saber disso. Eu peço que analise dentro de si esta inclinação ao conhecimento, que para os fins deste curso significa a posse intelectual da verdade que existe nas coisas. Eventualmente desejamos ter um alimento para saciar a nossa fome ou a união à outra pessoa com qual possamos usufruir dos benefícios de uma vida comum. Naturalmente, também desejamos a verdade das coisas. Acontece que este desejo não vem acompanhado por um mapa ou roteiro que nos diz como alcançar o conhecimento. É um desejo parecido com a fome. Em princípio, ela não indica o alimento que dá saciedade e mantém a saúde da criança, de modo que quando a fome chega ela apenas chora. Já o adulto possui experiência suficiente para selecionar o alimento que lhe apraz naquele momento e sacia a sua fome. **Acontece que não é fácil discernir o “alimento” ou tipo de conhecimento que sacia o desejo intelectual e nos dá a gradação que imprime a direção da busca.** Como esse desejo ganha forma? Aristóteles também dizia que somos animais políticos, seres sociais que nascem, vivem e morrem na cidade. Então é natural que o contato com a nossa transcendência — que abarca as demais pessoas e o mundo material — dê forma ao desejo e aos poucos vamos tendo uma noção de que ele é inclinado a suprir uma deficiência ou privação que temos do conhecimento, tendo em vista a circunstância em que vivemos. Portanto, **o desejo pelo conhecimento nos surge como um dever.** Por exemplo, no contato com as pessoas nem sempre sabemos a que nos ater ou o que se passa, então é natural buscarmos o conhecimento para podermos viver melhor e tomar boas decisões pela posse intelectual

---

<sup>3</sup> *Metafísica*, Livro A, 1. Aristóteles.

da verdade nas coisas, de modo que vivemos pacificados com nós mesmos e agimos melhor.

Perceba que **a inclinação pela busca do conhecimento possui dois lados**. O **primeiro** é a **satisfação de um impulso íntimo da sensibilidade**. Aristóteles diz: *“Sinal disso é o prazer é o amor pelas sensações, por si mesmas, independentemente da sua utilidade e amam, acima de todas, a sensação da visão”*<sup>4</sup>. Mesmo que não venhamos a utilizar as informações captadas pelo nosso olhar, nós gostamos de ver as coisas porque a visão nos mostra mais diferenças entre os objetos captados. Acontece que não somos apenas seres desejantes e sociais, mas também somos seres históricos. Para usar uma expressão muito feliz do Julian Marias<sup>5</sup>, discípulo do Ortega y Gasset<sup>6</sup> na Escola de Madri, nós também temos a *dimensão futura*<sup>7</sup>, e aqui entramos de cabeça no tema da educação. Perceba que a nossa inclinação ao conhecimento e a forma que ele ganha em nossa vida é relacionada à nossa vida presente.

## 2. PARA QUE SE EDUCAR?

Só que o aprendizado não se relaciona apenas com a vida que temos hoje. Num artigo chamado *“Crise da Educação”*, Hannah Arendt trata da educação neste sentido histórico, tendo em vista os EUA da época, e diz que a educação é um misto de conservação e criação, por isso ela é ao mesmo tempo conservadora e revolucionária. Ela também diz que o professor é para o aluno e as próximas gerações um representante do mundo, sendo tanto mais professor quanto mais se responsabiliza pelo mundo que está aí. Na sua visão, o professor que se coloca diante dos alunos, dizendo que eles devem mudar o mundo, mas ele próprio não tem culpa de nada, não é um professor. Então não se trata de um conformismo absoluto, mas de

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Julián Marias Aguilera, (Valladolid, 17 de junho de 1914 — Madrid, 15 de dezembro de 2005). Filósofo espanhol, foi diretor do “Semanário de Estudos de Humanidades”, membro da Real Academia Espanhola e da Real Academia de Belas-Artes e doutor honoris causa em Teologia pela Universidade Pontifícia de Salamanca.

<sup>6</sup> José Ortega y Gasset, (Madrid, 9 de maio de 1883 - Madrid, 18 de outubro de 1955), filósofo e fundador da Escola de Madrid.

<sup>7</sup> Mapa del Mundo Personal, cap. 1. Alianza Editorial, 1993.

uma responsabilidade pelas coisas que se apresentam. Perceba que **o ato educativo se coloca numa confluência entre o passado e o futuro**. No começo do seu livro “*A Origem da Linguagem*”, Eugen Rosenstock-Huessy trata de quatro doenças da linguagem, sendo que duas delas nos interessam aqui e se referem à incomunicabilidade entre as gerações mais velhas e mais novas. Por um lado, a **doença da tirania** acomete uma sociedade em que a geração mais velha não deixa a mais nova falar e exercer a sua criatividade. Por outro lado, a **doença da revolução** é o contrário e faz com que as gerações mais novas não queiram saber o que dizem os mais velhos. **Essas duas doenças interrompem o fluxo da tradição que dá continuidade ao legado pelas novas gerações**. Logo na apresentação do livro, Hannah Arendt<sup>8</sup> cita um verso enigmático de René Char<sup>9</sup>, que se aplicava à época e continua se aplicando à nossa. Ele diz que recebemos uma herança que nos foi legada em testamento, ou seja, a **tradição cultural é um patrimônio que temos por direito** e de algum modo ainda temos posse dessa tradição. Hoje é muito fácil acessar sinfonias, poemas e obras de arte. Porém, não temos o testamento desses bens, sendo que o testamento define como será a distribuição e uso da herança. **Então nós temos em mãos algo que é nosso, mas não podemos e nem sabemos como usar**. É como se tivéssemos todos os ingredientes para fazer um bolo, mas não tivéssemos a receita. Então não sabemos usar o que temos em mãos, embora os ingredientes sejam bons. Funcionaria se soubéssemos como fazer, a ordem para colocar os ingredientes na panela, se é preciso fritar ou assar etc.. Não sabemos porque não temos o testamento. É uma metáfora muito poderosa, pois indica a **função preponderante daquele que quer investir numa vida intelectual**, que **é servir de elo para a transmissão desse legado**. Em outras palavras, é decodificar o testamento. Eu até diria que ele nos chegou

8 Hannah Arendt (nascida Johanna Arendt; Linden, 14 de outubro de 1906 – Nova Iorque, Estados Unidos, 4 de dezembro de 1975) foi uma filósofa política alemã de origem judaica.

9 René Char (L'Isle-sur-Sorgue, Vaucluse, 14 de junho de 1907 - Paris, 19 de fevereiro de 1988) foi um poeta francês. Inicialmente ligado ao grupo surrealista de Paris, publicou livros em co-autoria com alguns destes, como *Ralentir Travaux* (1930), com André Breton e Paul Éluard. *Le marteau sans maître* (1934) é sua primeira obra individual, tendo já afastado-se do grupo na data da publicação, mantendo relações ainda com Éluard.

em fragmentos que precisam ser juntados, de modo que possamos ler as regras para o uso fruto desse patrimônio cultural. Note que temos acesso a várias edições da *Ilíada* ou de *Hamlet*, mas sem o testamento. Para que nos serve? São como peças de museu. Podemos fazer a leitura e achar tudo muito bonito, mas não saberemos para que elas nos servem hoje. Então a herança nos foi legada sem o testamento.

Na mesma apresentação, Hannah Arendt evoca outra imagem sobre a importância da herança e do testamento. Ela diz que todo fato e conhecimento — imagino que todo o conjunto da tradição — precisa receber um acabamento na mente individual. Este acabamento me parece com a imagem que fica na nossa inteligência, daquilo que nós apreendemos da cultura e da tradição. Ela é como uma tradução da tradição, que é a cultura capaz de ser transmitida. Ou seja, **é somente quando assimilamos algo da tradição e fazemos um acabamento que nos tornamos agentes de transmissão do conhecimento**. No fim do seu livro *Democracia na América*, Alex Tocqueville<sup>10</sup> diz que quando o passado não joga luz sobre o futuro, a mente dos homens anda nas trevas. Trata-se de uma interrupção do fluxo, tal como vemos hoje, talvez num nível mais periclitante do que viram os nossos pais e avós. Por algum motivo, parece que esse fluxo foi interrompido. Voltando à imagem do acabamento na mente, que é a consumação da busca pelo conhecimento e a sua tradução numa imagem potente na nossa mente, parece que eu não estou longe ao postular que a definição de filosofia dada pelo professor Olavo de Carvalho passou perto disso: “*A filosofia é a busca pela unidade do conhecimento na unidade da consciência, e vice-versa*”. É uma busca que comporta graus e exige a existência de um acabamento na mente do indivíduo que assimila o conhecimento para ser transmitido às próximas gerações. É traduzir o conhecimento numa unidade que está inserida na mente que se unificou

---

10 Alexis-Charles-Henri Clérel, visconde de Tocqueville, (29 de julho de 1805 — 16 de abril de 1859) foi um pensador político, historiador e escritor francês. Tornou-se célebre por suas análises da Revolução Francesa, cuja pertinência foi destacada por François Furet, da democracia americana e da evolução das democracias ocidentais em geral.



e a capacidade que a mente unificada tem de transitar no meio do mundo, tendo a imagem do conhecimento unificado dentro de si.

No finzinho do *Fedro*, Platão traz a imagem do semeador, ou seja, o filósofo que tem sementes preciosas. Algumas — os seus escritos — são jogadas de brincadeira, e outras são investidas num destino melhor, que são os alunos com a alma apropriada. A semente me parece um acabamento que todo o processo formativo descrito como sugestão para a cidade ideal da República traz ao dialético. É a semente que o educador lança na mente do aluno apropriado. E na *Carta VII*, Platão diz que aplicou uma prova a Dionísio para saber se ele era capaz de se tornar aluno, mas ele não passou na prova. Já no *Teeteto*, Sócrates conversa com o personagem e dá sinais de que também é capaz de eleger o aluno ideal.

Então é nosso dever decodificar a forma de usufruir dessa mesma herança, decodificando esse testamento que nos foi legado, mas que não conseguimos decodificar.

Acontece que **somente isso não nos explica o que estamos fazendo ao buscar educação.**

### 3. A LIBERDADE E O CONHECIMENTO

Basicamente, existem três tipos de ser humano. Em sua famosa obra “*Como Ler Livros*”, o Mortimer Adler<sup>11</sup> recomenda um livro muito simpático sobre Aristóteles, chamado “*Aristóteles para Todos*”, no qual ele tenta ali resumir a obra de Aristóteles em três vertentes:

- (I) o homem como conhecedor;
- (II) o homem como agente ou como ator;
- (III) o homem como fazedor.

---

<sup>11</sup> Mortimer Jerome Adler (Nova Iorque, 28 de dezembro de 1902 — Palo Alto, 28 de junho de 2001) foi um filósofo americano, educador e autor popular. Como filósofo, ele trabalhou dentro das tradições aristotélica e tomista. Ele viveu por longos períodos na cidade de Nova York, Chicago, São Francisco e San Mateo, Califórnia. Trabalhou na Universidade de Columbia, na Universidade de Chicago, na Encyclopædia Britannica e no Instituto de Pesquisa Filosófica de Adler.

Todos nós exercemos em alguma medida as três dimensões e em cada uma das atividades nos inspiramos em um valor diferente. Por exemplo, o **homem como conhecedor** se inspira no **valor da verdade** buscando evitar o erro; o **homem como agente** atua na dimensão social, tentando fazer com que o **bem prevaleça** e evitando os atos iníquos; o **homem como fazedor** trata com o mundo material buscando os **valores da utilidade e da beleza** basicamente. Essas são três formas de transmissão da educação. **Buscar o aprimoramento em cada uma dessas três atividades é uma forma de ter mais liberdade.** O próprio Aristóteles diz na *Metafísica* que é possível ser um excelente profissional em cada uma dessas dimensões da vida humana apenas pela experiência. Basicamente ele diz que o conhecimento se dá do seguinte modo: nós absorvemos os dados dos sentidos, os dados se acumulam na memória e com o tempo a memória organizada se transforma em experiência. De tanto fazer algo ou presenciar alguém realizando um ofício, muitas pessoas desenvolvem habilidades no mesmo nível da experiência. Ele diz “*Muitas pessoas agem por experiência e conseguem resultados muito melhores do que aquele que sabe apenas pela teoria*”<sup>12</sup>. Saber por experiência não é qualquer coisa, mas ainda não é o saber do qual ele trata na *Metafísica*. **A partir da experiência, o homem vai galgando os degraus do saber e construindo um conhecimento ancorado em princípios eternos.** Caminhar em direção a estes princípios, que são as causas ou a explicação das coisas, e ser capaz de ensinar é uma característica do sábio. **Quanto mais você sobe na hierarquia do conhecimento, mais livre você fica porque maior é a posse que você tem da verdade nas coisas.** Aquele que sabe por experiência pode acertar muitas vezes, mas ele ainda não tem a liberdade daquele que sabe por experiência e por teoria. Então **a busca pelo conhecimento em cada uma dessas áreas é a vida intelectual.** Evidentemente aquele que quer investir pesado nos estudos vai enfatizar esta dimensão na vida humana, que é a busca pela verdade ou

---

<sup>12</sup> *Metafísica*, Livro A, 1. Aristóteles.

a posse intelectual da verdade que está nas coisas. Mas também é possível caminhar na dimensão do homem que atua na sociedade ou na dimensão do homem como fazedor. Entenda que buscar o conhecimento nessas áreas é uma alternativa real para ter mais liberdade de ação.

Uma das teses que eu trouxe para trabalhar aqui é a seguinte: *somos chamados a ser o elo entre o passado e o futuro, percorrendo, assimilando e preservando os três caminhos nos quais exercemos a nossa humanidade*. Fica a tese para meditação e alguns elementos que eu trouxe sobre ela. A propósito, esses três âmbitos da vida humana podem ser simbolizados por uma cruz: no eixo horizontal, temos de um lado o indivíduo, do outro a sociedade ou as pessoas, esse eixo seria a dimensão ética; já no eixo vertical, teríamos na parte superior a transcendência, a divindade ou o mundo platônico das ideias, em que o homem se relaciona com o imutável, com aquilo que é transcendente, e no eixo vertical inferior temos o mundo material, em que o homem busca a utilidade e circulação de bens, o embelezamento do mundo. Cada uma dessas áreas é trabalhada por Platão na *República*. Eu mencionei aqui que ele tem um plano educativo para a cidade ideal, e cada uma das classes colocadas ali na *República* se dedica preponderantemente a uma dessas áreas.

Ainda que de um modo muito intranscendente, a nossa Constituição também traz no art. 205 do capítulo sobre educação essas três áreas como objetivos da educação. Só que quando fala da dimensão ética, ela se refere à cidadania, que hoje é uma palavra muito desgastada e não passa a mensagem real. Falar que na dimensão ética o homem busca ser um bom cidadão significa apenas não jogar lixo na rua. É algo muito pobre. Então a palavra perdeu o sentido que tinha na Grécia antiga. Mas a Constituição também trata dos três objetivos da educação.

Apesar da linguagem intranscendente, ela não entra nesta briga de foice no escuro entre diversos grupos que brigam entre si pelo protagonismo da educação. Alguns acham que ela deve ser apenas ou

preponderantemente uma preparação para o trabalho. Então pelo menos a Constituição deixou as três dimensões abertas para serem trabalhadas na educação formal, mas a verdade é que a educação formal tem falhado miseravelmente. Não estou aqui para passar um relatório atual do estado de saúde da educação, mas sabemos que ninguém mais se assustou quando um candidato a prefeito, recentemente, disse que se ele fosse eleito, iria analfabetizar a população do município. Ninguém mais se estranha disso, não é? Claro que foi um ato falho dele, mas ele sem dúvida disse o que de fato está acontecendo, não é? As escolas estão analfabetizando as pessoas.

A pergunta que se faz é: por que, mesmo aqueles que percebem esse problema, não se dão conta da necessidade de buscar uma educação por fora? De investir numa educação que ultrapasse esse estado periclitante da educação formal? Por que as pessoas, mesmo tendo consciência disso, não investem o tempo delas, o dinheiro delas e a energia delas numa vida de estudos? Eu tenho pelo menos duas suspeitas: a primeira hipótese é de que as pessoas ainda têm muito receio, muito medo, muita preguiça, talvez, desconfiança daquilo que não é oficial.

O professor José Monir Nasser<sup>13</sup>, quando fez o prefácio do livro *O Trivium* da Irmã Miriam Joseph<sup>14</sup>, concebeu uma lei geral da educação quando disse que a capacidade de educar uma pessoa é inversamente proporcional à oficialidade do ato, quer dizer, **quanto maior é a burocracia, menor é a educação e a capacidade de educar uma pessoa**. Quanto mais formalidades, menos educação, digamos assim. E o professor completa que **a capacidade de educar alguém é diretamente proporcional à liberdade de adesão do educando**. Então poderíamos dizer numa fórmula que pode ser um pouco ingênua, mas, quanto mais liberdade, mais educação. Considere a palavra *liberdade* com cuidado. Não se trata de uma anarquia, é preciso ter método, mas essa lei nos parece razoável: quanto mais burocracia, quanto

<sup>13</sup> José Monir Nasser (1957-2013) foi um economista e escritor brasileiro. Dentre os seus inúmeros trabalhos, destacou-se pela prolífica produção cultural acerca do tema educação.

<sup>14</sup> Irmã Miriam Joseph (1898-1982) foi uma religiosa católica das Irmãs da Santa Cruz cuja produção intelectual sempre teve relação com a educação. Seus inúmeros artigos e livros sobre Shakespeare e Educação Clássica são relevantes ainda hoje.



mais papelinhos para preencher, quanto mais fichinha para preencher, menor é a capacidade de educar uma pessoa. Num ambiente muito burocratizado, muito formalizado, a educação não costuma funcionar muito bem. Porém, essa lei geral parece que não pegou no Brasil, pois as pessoas têm um medo imenso daquilo que não é oficial, daquilo que não é formalizado, daquilo que não vai redundar num diploma, daquilo que não tem certificado. As pessoas têm uma preguiça, têm uma desconfiança de entrar em projetos em que a educação flui com mais liberdade.

#### 4. O ESPANTO E A VIDA INTELECTUAL

No entanto, o problema que me parece mais crucial, o que afasta muitas pessoas dessa vida alternativa da educação, da autoeducação — creio que podemos chamar de autoeducação — é que algumas pessoas não passaram pela experiência da admiração, do espanto. Ou, se passaram, fizeram como aquela personagem de Clarice Lispector<sup>15</sup> no conto “*Amor*”. A personagem é uma dona de casa e o conto se passa num dia na vida dela. Ela vai para a rua fazer compras e encontra um mendigo, e neste momento ela tem uma experiência muito bem descrita pela grande escritora que é Clarice Lispector: ela fica atormentada durante aquele dia, pois não sabe o que fazer com aquilo, e, no fim do dia, não sabendo o que fazer com aquela chama que acendeu dentro dela, ela sopra aquela flama desde o dia que surgiu nela.

Ainda que passem pela admiração e o espanto, que são o início da filosofia, muitas pessoas apagam essa chama e não querem saber dela. Têm um certo medo ou receio de entrar nesse vespeiro, porque isso pode ser fantasia, maluquice, então não querem entrar nesse terreno. A admiração é o mesmo fenômeno do espanto, mas com nomes diferentes. Ele foi mencionado por Platão, por exemplo, no *Teeteto*, e também por Aristóteles na *Metafísica*. Aqueles que não têm afeição às leituras filosóficas, quando

15 Clarice Lispector, nascida Chaya Pinkhasovna Lispector (Chechelnyk, 10 de dezembro de 1920 — Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1977), foi uma escritora e jornalista ucraniana naturalizada brasileira.



O Grito, de Edvard Munch (1893)

ouvem falar que a admiração ou o espanto é o começo da filosofia, devem imaginar como aquele quadro do Edvard Munch, *O Grito*, que aponta para mulher na beira de um rio desesperada. Ou aquele outro quadro do Gustave Courbet, conhecido como *O Desespero ou Autorretrato*, no qual o desespero está representado.

A admiração é, de fato, algo que nos atordoa, é algo que nos desloca da nossa zona de conforto, mas ela é mais complexa do que um susto, do que um desespero — é muito mais que isso na verdade. Esse conto da Clarice Lispector, de algum modo, coloca-nos no caminho da admiração de que os antigos falavam.



O Desesperado, de Gustave Courbet (1843)

Para explicar o que é essa admiração, eu vou invocar a ideia de cosmovisão, de visão de mundo. Hoje há certa vertente protestante que está explorando essa ideia da cosmovisão um pouco na linha do William Dilthey<sup>16</sup>, mas eu não vou por este caminho. Eu percorro esse assunto mais próximo de Ortega y Gasset, naquilo que é dito no livro *“Ideias e Crenças”*. Ou do próprio Julián Marías. Um outro cara bom que também fala sobre isso é o Josef Pieper<sup>17</sup>. Tem dois livros preciosos: um chamado *Que é filosofar* e o outro que eu só achei em espanhol que chama *Defesa da filosofia*.

O que é cosmovisão? Todos nós temos uma cosmovisão, é um nome meio complexo, mas mesmo a pessoa mais simples tem a sua própria cosmovisão, tem a sua visão de mundo, tem as suas ideias e crenças. Cosmovisão nada mais é do que o conjunto de ideias que nós temos sobre a vida e sobre a realidade. É como que um conjunto de juízos, de ideias,

<sup>16</sup> Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (Wiesbaden, 19 de novembro de 1833 - Siusi allo Sciliar, Castelrotto, 1º de outubro de 1911) foi um filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. Dilthey lecionou filosofia na Universidade de Berlim.

<sup>17</sup> Josef Pieper (4 de maio de 1904 a 6 de novembro de 1997) foi um filósofo católico alemão nascido numa vila da Westefália, onde seu pai era o único professor na única escola existente no lugarejo. Pieper frequentou o gymnasium Paulinum em Münster, uma das mais tradicionais escolas alemãs.

de crenças que temos em nós com os quais nós vamos etiquetando o mundo e indicando como agir, a que se ater e como agir diante de cada circunstância. Então, diante de tal pessoa eu reajo assim. Por quê? Porque é melhor fazer assim por isso e por aquilo. Se acontecer aquilo, eu ajo assim. A vida humana é isso.

Cada pessoa tem a sua cosmovisão, a sua fórmula própria, — isso é importante — e cultivar essa cosmovisão é muito importante, porque todos nós queremos viver numa espécie de homeostase com a realidade. Assim, **a cosmovisão serve como uma zona de amortecimento entre nós e a realidade**. É como se nós não quiséssemos passar por muito susto, não quiséssemos nos sentir como pessoas injustas, como pessoas más, então damos justificativas para aquilo que a gente faz ou fez e vai montando essa cosmovisão. Chamando de cosmovisão esse conjunto de ideias, eu vou um pouco mais longe do que Ortega y Gasset e Julián Marías, porque eu estou tratando de um outro assunto aqui, mas é esse conjunto de ideias. **O espanto e a admiração vêm para furar e fissurar este conjunto de ideias e crenças que temos**. Eles nos mostram em alguns momentos especiais a realidade da vida. Nos mostram que a realidade é um pouco mais complexa do que nossas ideias pareciam dizer. Então acontece este momento em que nos afastamos, damos um passo atrás e perguntamos: o que está acontecendo? Como assim? Por algum motivo, nós não encontramos um remendo para colocar nessa cosmovisão e como que contemplamos a ideia que tínhamos daquele acontecimento e contemplamos o acontecimento. E então? **É o começo da filosofia, da busca pelo conhecimento, justamente porque entendemos que há aí uma privação, falta algo em nós**. Então, quando passamos por essa experiência, que em alguns casos é mais dramática, em outros menos dramática, mas todo aquele que busca o conhecimento já passou por isto em alguma medida, nós tomamos consciência de uma privação. No *Banquete*, Platão explica muito disso. Nesta obra há um encontro entre os amigos de Sócrates que chega um pouco atrasado;

Alcibíades chega depois. Estão todos ali discutindo sobre *Eros*, sobre o amor, e cada um dos convivas, cada um mais embriagado que o outro, tem a chance de falar sobre o amor. Aristófanes, por exemplo, comediógrafo conhecido, traz uma história para tentar explicar a origem de *Eros*. Ele diz que antigamente, nós vivíamos em outro corpo, nós vivíamos num corpo que tinha quatro braços, quatro pernas e porque nós desafiávamos os deuses, fomos punidos. Como os deuses queriam evitar que os desafiássemos novamente, fomos punidos com a divisão dos nossos corpos. Assim, se hoje temos duas pernas e dois braços, é porque fomos divididos. Isso nos provoca uma nostalgia ou saudade dessa outra metade que buscamos. O *Eros* é a força que nos impulsiona em direção a uma outra pessoa, que na verdade era carne da nossa carne. Em relação a esse discurso o pessoal não leva muito a sério, não prevalece essa ideia, mas ela serve, como tudo em Platão, para fertilizar a nossa imaginação e nos levar a refletir sobre a vida.

## 5. O QUE É A FILOSOFIA?

Platão equipara *Eros* à filosofia. A filosofia é um tipo de *Eros*. Então essa busca pela outra metade que outrora era nós mesmos se equipara à busca pelo conhecimento, com o qual, segundo Platão, outrora tivemos contato. Ou seja, para Platão, conhecer é rememorar. O mesmo impulso que nos leva a buscar essa metade que nos falta, o *Eros*, nos leva, nos impulsiona também, pelo espanto e pela admiração, que instauram esse desajuste entre as ideias e o mundo, a buscar o conhecimento, a buscar o saber. Então **a filosofia é resultado da consciência da ignorância**. Por isso que uma vida de estudos deve levar em conta essa privação.

Eu sugiro a vocês que rememorem um pouco a sua vida até aqui e vejam se por acaso em algum momento vocês tiveram consciência de “Caramba! Alguma coisa está faltando aqui, alguma coisa desajustou depois dessa experiência, parece que eu bati a cabeça e não estou entendendo mais o que está acontecendo”. Talvez seja neste momento que você começou



a buscar o conhecimento e ainda não tomou exata consciência disso. Buscar esses momentos é importante por quê? Porque, **segundo também os gregos, a Arché das coisas, a origem das coisas, tem a ver com sua essência**. É por isso que aos casais em crise é recomendado lembrarem-se da época do namoro ou da época do noivado. Como esse período sempre é lindo, não é? Voltar à origem, ou seja, voltar ao início da sua busca pelo conhecimento ajuda aqueles que ainda estão perdidos nesse mundo da busca pelo conhecimento, é um modo de você tentar voltar ao caminho que você começou a trilhar, mas talvez nem lembre bem o porquê. Qual direção que você vai tomar? **A direção que o espanto indica é a direção correta, porque é a direção que acometeu você**. Também é importante distinguir isso, pois a sua vida de estudos não paira no ar abstratamente, mas ela é e deve ser fincada com os pés no chão da sua própria vida.

Na segunda aula eu tratarei disso mais detalhadamente, mas é preciso saber que existem graus na vida intelectual, e nem sempre você é vocacionado para chegar ao grau de sábio. Assim, voltar ao seu espanto é um modo de voltar aos trilhos, porque esse momento é a estação inicial da sua busca pelo conhecimento. Martin Heidegger<sup>18</sup> trabalha bastante a ideia do espanto, da admiração, que ele pega um trecho da obra *Teeteto* e trabalha a ideia de *Pathos* que é disposição. Então, essa admiração que se instaura em nós, essa busca, seria uma disposição que nasce em nós para o conhecimento, é uma tonalidade afetiva que nos leva em direção ao conhecimento.

## 6. O QUE É A VIDA INTELECTUAL

Com isso nós estamos prontos para trazer uma definição provisória de vida intelectual. Então eu digo que vida intelectual é a busca pessoal automotora iniciada por um desajuste que consolida no indivíduo a disposição de atualizar suas virtudes intelectual mais ou menos latentes. Para explicar

18 Martin Heidegger (Meßkirch, 26 de setembro de 1889 – Friburgo em Brisgóvia, 26 de maio de 1976) foi um filósofo, escritor, professor universitário e reitor alemão.

um pouco melhor, eu diria que essa busca, salvando suas circunstâncias pessoais, colaborará para que você exerça sua vocação e cumpra dessa forma o sentido único da sua vida. A frase inteira seria esta: **vida intelectual é a busca pessoal automotora iniciada por um desajuste que consolida no indivíduo a disposição de atualizar suas virtudes intelectuais mais ou menos latentes; e essa busca, salvando suas circunstâncias pessoais, colaborará para que você exerça sua vocação e cumpra dessa forma o sentido único da sua vida.**

Veja que essa definição tem a mesma tonalidade das lições do Padre Antonin Sertillanges. Você também consegue rastrear Ortega y Gasset, pois há algumas referências que ficarão mais claras na próxima aula, apesar de já se insinuarem aqui.

Eu gostaria de advertir que esses estudos que eu tenho realizado são feitos dentro do ambiente no qual eu vivo. Eu convivo com pessoas do meu entorno, com pessoas do meio do professor Olavo de Carvalho. Enfim, eu vivo entre conservadores e liberais. Essa definição de vida intelectual talvez soe muito estranha, por exemplo, para um militante do PSOL. Se ele ler essa definição, provavelmente se perguntará: “Que história é essa? Não tem nada a ver com a universidade, que história é essa de sentido da vida? É um negócio muito estranho”. De qualquer forma, parece-me que as pessoas que estão em torno deste curso, que frequentam a Brasil Paralelo, vão se identificar, pelo menos parcialmente com essa ideia, que não é minha. A definição foi trazida por mim, eu que a cunhei de algum modo, mas ela tem os pés em diversos autores que são conhecidos e tenho a impressão de que ela nos ajuda a delimitar um pouco esse território, esse terreno no qual nós vamos nos movimentar nas próximas três aulas.

E nos ajudam a ter já alguns sinais de quais são os propósitos, qual é a ideia em torno dessa vida intelectual que, a propósito, eu prefiro chamar de vida de estudos ou de autoeducação. Porque a expressão *vida intelectual* é boa, ela indica de fato um pouco da essência, mas também é preciso ter

cuidado com o desgaste da palavra. A expressão vida intelectual afasta algumas pessoas, porque elas imaginam que se tornarão uma pessoa carrancuda que estuda 14 horas por dia e que fica afundada dentro dos livros.

Em parte, é isso também, no entanto, essa imagem de intelectual é um pouco desgastada, talvez seja melhor variar um pouco o termo para designar essa vida como vida de estudos ou autoeducação que aproxima as pessoas que torcem o nariz para a ideia de intelectualidade que durante muito tempo, de fato, não fez jus a esse nome e acabou contaminando um pouco esse termo. Enfim, afasta as pessoas que tem de fato algum tipo de vocação para os estudos.

Eu destacaria ainda a definição, que é autoexplicativa, da ideia da busca automotora. Isso quer dizer que é você que tem de se impulsionar, não vai ter ninguém ali para fazer isso por você. Seu pai, sua namorada não irão toda hora lhe dizer “Tem de estudar, hein?! Tem de estudar, hein?!”. Não há isso. É você que tem de criar uma espécie de motor interno. Eu explicarei um pouco como funciona isso na próxima aula, mas é importante notar que **é você quem tem de desenvolver internamente a capacidade de se automover**. Isso é muito importante.

Um outro destaque que eu faria naquela definição é a ideia de ato e potência. Para quem não está afeito a esses dois termos, isso foi uma criação de Aristóteles para tentar resolver o problema que caiu no colo dele por causa da discussão entre Parmênides e Heráclito. Aristóteles explicou o movimento, que era uma grande questão intelectual na época, com a ideia de Ato e Potência. Para simplificar as coisas: imagina que potência são as sementes, são os dons, são os talentos que você traz dentro de você, traz consigo, e que você tem, de algum modo, o dever de desenvolver. Ato é a planta já crescida, é o florescimento dessa semente que você traz consigo e que — com algum custo, com algum sofrimento e com alguma restrição — conseguiu regar e transformar numa planta viçosa durante a sua trajetória.

Por fim, a ideia de responsabilidade está muito clara também. Ou seja, parafraseando Ortega y Gasset, que diz que é filósofo quem não pode ser outra coisa, eu diria, então, que entra nessa vida de estudos aquele que não pode fazer outra coisa. Para quê? Para atualizar suas potências. Naquele imenso número de graus em que a pessoa pode estar — desde a experiência até a sabedoria — você vai acabar se localizando em um desses estágios, mas meditar sobre isso é a única forma que você tem — se é que você tem, a propósito — de talvez vir a ser a pessoa para qual você nasceu para ser.



## BIBLIOGRAFIA

ADLER, Mortimer, Van Doren, Charles. **Como ler livros**. 1ª ed. São Paulo: É Realizações, 2010.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 1. ed. São Paulo: Penguin, 2017.

ANJOS, Augusto. **Eu e outras poesias**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

ARISTÓTELES, **Da interpretação**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013.

ARISTÓTELES, **Metafísica**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1. ed. São Paulo: Penguin, 2016.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e Prosa Seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2020.

CARVALHO, Olavo de. **A filosofia e seu inverso**. 1. ed. Campinas: Vide Editorial, 2012.

CARVALHO, Olavo de. Curso online de filosofia.

CORÇÃO, Gustavo. **As fronteiras da técnica**.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázov**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

ÉTIENNE, Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2007.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

FREGE, Gottlob. **Pensamento**: uma investigação lógica.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isto – a filosofia?**

MIRIAM, Joseph. **O Trivium**. As artes liberais da lógica, gramática e

retórica. 2. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. **A origem da linguagem.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

MACINTYRE, Alasdair. **História da ética.**

MARÍAS, Julián. **Tratado do melhor.**

PIEPER, Josef. **Que é filosofar?** 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

PIEPER, Josef. **Defensa de la filosofía.**

PLATÃO, **Apologia de Sócrates.** 2. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

PLATÃO, **Banquete.** 1. ed. São Paulo: Edipro, 2010.

PLATÃO, **Carta VII.** 1. ed. São Paulo: Edipro, 2012.

PLATÃO, **Críton.** 2. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

PLATÃO, **Fedro.** 2. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

PLATÃO, **República.** 3. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

RHONHEIMER, Martin. **La perspectiva de la moral.**

SÃO VÍTOR, Hugo. **Princípios fundamentais de pedagogia.**

SERTILLANGES, A.-D. **A vida intelectual.** 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2020.

TUFAIL, Ibn. **O filósofo autodidata.** 1. ed. São Paulo: Unesp, 2005.

VOEGELIN, Eric. **A nova ciência da política.**

WEIL, Éric. **Filosofia moral.** 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2011.

WEIL, Éric. **Filosofia política.** 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1990.